

LUÍS FERREIRA

Momentos...




temas originais

Para Luís Ferreira

I

“Como a água que corre”, diria Marguerite Yourcenar, flúem as palavras feitas de sentimentos, de emoções, de lembranças, de desejos.

Momentos em que ao poeta apetece soltar a voz e deixar que a alma fale por si, umas vezes timidamente, outras em verso pujante, ciente da magnitude que as palavras podem assumir.

Ninguém vive sem palavras, mesmo que apenas murmuradas ou “ditas” em silêncio. O poeta-alquimista que sabiamente as mistura em histórias-retratos do seu mais íntimo ser, constrói utopias enquanto contempla a realidade e mistura na paleta, que segura na mão, os infinitos tons do mundo.

Incomensurável riqueza a sua, porque partilhada em viagens que sempre faz acompanhado, espalhando versos e pedaços da alma por esse mundo que quer abraçar em reciprocidade, já que essa vontade de prender o tempo se dilui nos minutos que se sucedem no preencher dos dias.

Ninguém escreve para o esquecimento, menos ainda o poeta que, apesar do que conta em segredo, nos vai conduzindo ao longo de 73 poemas por caminhos ora inquietos, porventura tumultuosos, ora alegremente serenos na luminosidade da sua alegria.

Com ele, vai o leitor tecendo laços perenes, porque feitos de fios da seda transparente que envolve as almas. Esse fio semelhante ao que Penélope trabalhava enquanto aguardava Ulisses, é matéria com a qual o poeta se entretém a construir enredos dos quais passamos a fazer parte subliminar.

Não interessa aqui senão o pulsar do coração, os risos e as lágrimas, a música das palavras que não se cansam da dança permanente que não querem ver chegar ao fim.

É que o mundo do poeta é também o nosso mundo. E é-o porque ele assim o quis. Qui-lo, porque descobriu que o verso é intemporal. Intemporal, transversal, imenso no que o alimenta: a vida que lhe dá origem.

Na origem, a permanente interrogação do homem amoroso que se reconhece impotente para falar do amor que sente, e se despede em palavras que julga perdidas, sem, contudo, o serem.

Mas alguém, alguma vez, conseguiu agarrar o amor, e ao mirá-lo, remirando-o, segurando-o para o analisar, como fez Gedeão com a lágrima, apoderar-se dele, tornando-o coisa sua, pertença do seu coração, da sua alma, dos seus sentidos?

Que seria do poeta sem a sua musa? O amor destinado à presença ou ausência do ser amado, que ora o retribui calidamente, ora o vota ao ostracismo, é o motor do eterno ideal. Não há ser que se realize se o não tiver sentido.

O amor tanto dói, como cura; tanto se veste de luto, como se rejubila; tanto morre no silêncio, como acorda com o primeiro sol da manhã.

Acorda o sol, acorda a paixão, acorda o amor, encontram-se os amantes, porque o poeta não pode desistir, faz parte da sua condição, recordando em cada momento o “Cântico dos Cânticos”, partir no encalço da palavra mágica com que inicia o poema que o transporta para junto da amada.

Que o seu amor seja aceite como obra eterna, tão verdadeiro será como o sentimento duradouro daquela a quem se destina. Mas não farão a inquietude e a incerteza também parte da sua condição?

“Ser poeta é ser mais alto”, escreveu Florbela Espanca. Dizem que morreu por amor. Antes desamor. Mas o que é o amor? Sabê-lo-á o poeta? E se o sabe, acredita, como Mourão Ferreira, n””Um Amor Feliz””?

Da lágrima discreta ao grito de saudade que brota do mais profundo do ser, seguimos o rasto da ausência da amada, daquela por quem anseiam os sentidos.

Mas eis que se materializa, ao romper da aurora, oferecendo-se pródiga, sedenta, também ela saída do refúgio do seu corpo, procurando aquele que por ela anseia – o poeta que soube esperar. Que caminhos percorreu ela? Que caminhos percorreu ele? “Camiñante no hay camiño, se hace el camiño al andar” (Antonio Machado)

Ao longo de versos eternos, porque brotam do âmago, da essência que sempre se revela diferente em cada poeta, se vai recompondo a emoção.

“Quem não me deu amor, não me deu nada”, fala Rui Cinatti num belíssimo poema, que poderia, eventualmente, ser continuado por António Pedro: “Faz-me escrever, devagar, e com letra de menino pequeno sobre o chão acamado, esta palavra AMOR”

O mesmo amor que Ramos Rosa não pode adiar para outro século, por não poder adiar o coração, ou o que Nuno Júdice pensa “o que é mais simples, como o amor, ou o mais evidente dos sorrisos, não se encontra no curso previsível da vida”.

Ou, ainda, o que Graça Moura acrescenta “dizer quisera e nem sei que me diga, e assim me encontro por amar errante!”

Mas, afinal, o que pretende o poeta?

Bem no cerne do seu âmago, uma vez que nos deixou entrar em si, creio que, muito simplesmente, o poeta se despede de nós “para nunca mais ser esquecido”.

II

“Quer’eu em maneira de provençal
Fazer agora um cantar de amor [...]”

El Rei Dom Dinis dixit.
Porém, trovador não sou.
Poeta não sou.
Não fui brindada com esse talento.

As palavras que li, inspirou-mas um poeta. Um poeta que merece muito mais do que um texto que, por força das circunstâncias, jamais lhe faria jus.

E porque assim me parece, coloquei a mim mesma um desafio: o de tentar escrever o 74º poema de “Momentos”.

O que lhe ofereço, pois, caro poeta, caro Luís Ferreira, são os seus versos, depois da “Despedida”.

III

MOMENTOS... /... SOTNEMOM (O 74º POEMA)

*Reunir numa caixa todo o amor do Universo,
Nos filamentos da memória:
Histórias de alquimia,
Nas teias da utopia.*

*O menino que existe nas lembranças do tempo,
Gerando mundos de sentimento:
Não há passado nem futuro
Nas lamparinas que acendem o tempo.*

*Abraçando o mundo como uno,
Em promessas feitas de conquistas,
Em viagens de cometas
Escritas no pensamento;
Nas notas da partitura transformadas em encanto,
Em geométricos finos traços de sabor,
Nos laços infinitos
Dos momentos findos e infinitos.*

*Vagas do tempo, espirais do querer
Além dos limites do ser;
Existe sempre um lugar onde o céu abraça o mar.*

*Subir ao monte e deixar que o vento diga:
Nenhum fogo arde com tanta intensidade!*

*Contemplação da realidade,
Esfera da imaginação,
Pigmentos mágicos na imensidão da aguarela:
Imensa conquista!*

*Tempo que o tempo abraça
Os castelos erguidos na areia molhada.*

*Escutamos o silêncio do rio
Deixar apenas um rasto branco.*

*Nesse mesmo tempo que parou,
Nas palavras que se perdem ao vento,
Entre minutos que engolem o tempo,
Registos nos versos do sentimento.*

*Gramática no perfume das promessas...
Na imensidão do perfume.*

*Magia que nasce e acontece
Num tudo que envolve;
Tudo fica, tudo se sente
Quando o poeta sente:
Segundos que viram séculos,
Rascunhos de sentimentos,
Teias que prendem.*

*Contam-se histórias em segredo,
O sol ilumina encostas adormecidas
Além do pó do caminho,
Para o tempo poder ter tempo,
Quando chega o momento
Em vagas de encanto.
Fica o prefácio sem livro!*

*As estrelas deixaram de brilhar
Em milhões de velas a brilhar.*

*Constroem histórias no mundo vazio,
Infinito em emoções.*

*Neste mergulho infinito,
Uma onda chega, uma onda vai,
Compondo melodias em músicas sem orquestra,
Rasgando o infinito em sonhos.*

*As silhuetas do tempo,
Alimentadas por sorrisos de ouro,
Escrevendo ao teu lado o livro da nossa vida,
Neste mar que reveste segredos,
Onde o tempo se perde no espaço,
Esperando que chegue o dia
Nas estrofes da alma,
Em labirintos do ser,
Entre os caminhos marcantes.*

*Alma que te declama,
Vivendo apenas para amar,
Serenamente despertei para a vida:
Itinerários inundavam o ser.*

*Com simples palavras
Fica o poema sem palavras...
E nada voltará a ser como dantes.*

Porto, Ateneu Comercial, Novembro de 2009

Isabel Pereira Leite (partindo de Luís Ferreira)